

# Interações e distanciamentos na fronteira – Análise qualitativa das festas religiosas em homenagem à Padroeira da Bolívia, em Corumbá – Brasil, e suas afirmações identitárias

Antonio Firmino de Oliveira Neto<sup>1</sup>  
Ricardo Ferreira Martins<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a estudar as festas à Virgem *Urkupiña*, padroeira da Bolívia, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Apontam-se suas características e o nível de interação e distanciamento entre nacionais e bolivianos. Como método, recorreu-se à pesquisa bibliográfica sobre fronteira e identidade e a uma descrição qualitativa das festas, após a realização de entrevistas e observação dos eventos sócio religiosos até se atingir a saturação da questão. Como resultados, notou-se que a fronteira vivida ultrapassa limites políticos e econômicos, que as festas se distinguem das realizadas na matriz devocional (Quillacollo – Cochabamba) e que alguns preconceitos com os bolivianos persistem, seja pelo desinteresse do idioma, da moeda ou invisibilidade das festas no calendário cultural da localidade. De outro lado, a sua realização e a participação, mesmo modesta dos brasileiros, concretiza, no mínimo, o respeito aos direitos de liberdade de consciência e de religião.

**Palavras-Chave:** Festas bolivianas. Identidade. Fronteira. Interação. Religiosidade.

## 1 BREVE HISTÓRICO DE CORUMBÁ E A DINAMICIDADE DAS FESTAS NA FRONTEIRA

A área de Corumbá, em seu pertencimento inicial, segundo o Tratado de Tordesilhas, seria da Espanha. A partir de 1750, com o Tratado de Madri, passou a ser legalmente de Portugal. Fundada aos 21 de setembro de 1778, com o nome de Nossa Senhora Conceição de Albuquerque, tinha a função essencial de defender o limite do Brasil com territórios da coroa espanhola na margem direita do rio Paraguai (ESSELIN, 2012, p. 79).

A par do entendimento de fronteira enquanto limites, envolvendo questões de segurança nacional, defesa e proteção do Estado, o presente texto se propõe a tratar a conotação de fronteira em sua dinâmica vivida, atenta ao conjunto de relações construídas por seus atores e eventuais porosidades.

---

1 Professor associado da UFMS e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Fronteiriços do Câmpus do Pantanal da UFMS.

2 Mestre em Estudos Fronteiriços (UFMS, 2014-2016). Professor Universitário Convocado (UEMS-2016-atual).  
E-mail: fmartinsricardo@gmail.com

Sobre a existências de festividades, já no século XIX se constata a presença de outras nacionalidades, em meio às “distrações” (SOUZA, 1979, p. 31) dos brasileiros:

Acima 19 léguas está a melhor das povoações tomadas pelo Paraguai. Florescia rapidamente; de dia em dia tornava-se mais animada que a própria capital. Os seus habitantes depois das horas de trabalho procuravam as distrações, e assim é que no pequeno Corumbá já havião [sic] bilhares. Em 1862, a última vez que ali estivemos, havião [sic] bailes muito regulares, alguns dos quais servidos com doces vinhos de Montividéu e Buenos Aires [...]. As sucessivas entradas de estrangeiros davam àquele porto um aspecto alegre e muita atividade em toda a sorte de negócios que se faziam todo o dia em grande escala.

Para reforçar que as festas e a religiosidade em Corumbá se fazem presentes há bastante tempo, eis o relato de Souza (2008, p. 245):

As festas juninas eram tradicionais em Corumbá, desde o final do século XIX. Em junho de 1908, o periódico Autonomista comentava, em “Festas Tradicionais”, que os santos católicos São João e Santo Antônio haviam sido muito festejados, com fogueiras, balões e todas as classes de jogos de salão. Que em muitas residências realizavam-se belas “soirées”, prolongadas até a madrugada [...] A dança, o baile pela noite adentro, era uma das características, não só dessas festividades juninas, mas, em geral, de todas as comemorações religiosas.

Assim, Corumbá e sua história testemunham a presença de variadas nacionalidades, distrações, festas e costumes, que, desde a origem, promoviam interações e diálogos de significativa importância cultural e social, revelador duma dinamicidade fronteiriça, a qual conjuga atores nacionais e estrangeiros e onde se inserem, atualmente, as festas à padroeira boliviana, a Virgem Urkupiña.

Atualmente, a cidade de Corumbá se trata de uma conurbação com Ladário e se localiza a pouco mais de dez quilômetros de Puerto Quijarro, o primeiro município boliviano após a linha divisória dos países. Pertencente à Província de German Bush, ali também se encontra o distrito de Arroyo Concepción, onde surgiu, no início da década de 1990, o principal mercado popular da fronteira (MANETTA, 2011, p. 7). Em termos populacionais, segundo estimativas de 2014 do IBGE, Corumbá e Ladário somavam mais de 130mil habitantes<sup>3</sup>. Já as cidades bolivianas fronteiriças, Puerto Quijarro e Puerto Suárez, cerca de 30 mil<sup>4</sup>.

O culto devocional de Urkupiña tem sua origem nas aparições da Virgem Maria com um bebê nos braços a uma pequena pastora junto ao morro chamado Cota, em finais do século XVIII, na cidade de Quillacollo – Cochabamba (BARELLI, 2011, p. 71), lado ocidental da Bolívia. Após a aparição da Virgem, sua imagem gravada na pedra foi levada à Igreja que se tornou o Santuário de Santo Ildefonso, onde quase um milhão de fiéis e turistas peregrinam todos os anos. Os festejos expandiram para outras localidades, portando os signos identitários bolivianos para várias partes do mundo. Em Corumbá, a expansão da devoção a Ukupiña foi facilitada com a vinda de cochabambinos (COSTA, 2015, p. 38; SOUCHAUD; BAENINGER, 2008, p. 271-286)<sup>5</sup> e de bolivianos de outros departamen-

3 Dados disponíveis em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500320&search=||in-fogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>> e <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500520&search=mato-grosso-do-sul|ladario>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

4 Disponível em: <<http://www.ine.gob.bo/comunitaria/comunitariaVer.aspx?Depto=07&Prov=14&Seccion=00>>. Acesso em: 28 set. 2015.

5 COSTA, 2015, p.38: “Grande parte dos migrantes e residentes bolivianos na fronteira tem, de fato, sua origem nos Aymara ou nos Quéchua (do altiplano), além dos Kambas e dos Chiquitanos, das terras baixas”.

tos ocidentais que migraram para Santa Cruz de la Sierra e de lá para as cidades de Corumbá e Puerto Quijarro.

A par da importante e complexa diferenciação étnica nas categorias cambas e collas existente entre os bolivianos, Urkupiña é chamada a “santa dos collas”, pois surgiu na região do altiplano, lado ocidental da Bolívia. Os cambas seriam oriundos das “terras baixas” (oriente) e compostos por guaranis e chiquitanos; já os collas, por descendentes dos indígenas aymaras e quéchuas.

Outro motivo de propagação da devoção se relaciona ao fato de que essa região fronteiriça, com o desenvolvimento do comércio de produtos importados, atraiu bolivianos e brasileiros ligados a essa atividade, donde a intitulam como “padroeira dos comerciantes” (MANETTA, 2011b).

Em seu processo de expansão, a devoção à Nossa Senhora de Urkupiña alcançou Corumbá há mais de três décadas. Ainda que não goze de tanta visibilidade, tornou-se um produto cultural-religioso específico (ANDERSON, 2008, p. 30), presente no dia a dia dos fronteiriços. Entre seus devotos estão pessoas que herdaram a ritualística, continuaram a exercer a fé e transmitiram o costume de seus patrícios, indistintamente, apesar da “fronteira”.

Favorece-se a expansão da devoção também por se tratar de piedade dirigida a uma figura universal, Maria – mãe de Jesus. Deste modo, a tradição consegue se comunicar com outras nacionalidades pelo vínculo da fé e ainda conservar elementos distintivos (datas, adereços, oferendas).

## 2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS FESTAS DE URKUPIÑA EM CORUMBÁ

As festas de Urkupiña em Corumbá, em sua dimensão religiosa, desenvolvem-se por meio de tríduos, novenas ou missas realizadas nas casas de famílias devotas ou nas igrejas da cidade. Os tríduos são três dias consecutivos de oração enquanto a novena vem a ser uma sequência de nove encontros em que o participante normalmente elege alguma dádiva específica para agradecer ou pedir. Observa-se o roteiro disposto em livretos ou devocionários até se chegar ao dia principal da festa, que geralmente coincide com o dia do santo ou do padroeiro, conforme o hagiológico católico.

Em sua dimensão social, as festas acontecem por meio de confraternizações em casas, clubes ou ruas interdadas para tal fim, onde a fartura de comidas e bebidas é marcante em meio às músicas e danças bolivianas.

O aspecto popularmente mais conhecido são as procissões dançantes pelas ruas, onde se reúnem muitos bolivianos, e poucos brasileiros, para um espetáculo de cores e ritmos alegres. Essas danças são executadas por grupos folclóricos de caporales, morenadas, diabladas, que saem desde alguma Igreja e se dirigem até a casa do pasante ou do clube onde ocorrerá a festa social, com comidas, bebidas e músicas típicas. O pasante vem a ser o organizador da festa, uma pessoa eleita com um ano de antecedência para, com a ajuda dos compadres e da comissão organizadora, promover os festejos para a Virgem.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram realizadas dezenove entrevistas com os pasantes, os quais foram inicialmente identificados por meio de um panfleto, distribuído pela igreja local, onde continha a programação das “festas bolivianas” para o ano de 2014. Acompanhou-se algu-

mas dessas festas e, a partir das primeiras entrevistas, realizadas seguindo um questionário semi-estruturado e gravação em áudio, identificou-se outras famílias devotas, caracterizando assim o método de amostragem do tipo não-probabilístico denominado “bola de neve”, que consiste na indicação de uma nova amostra, a partir da recomendação do primeiro entrevistado e assim sucessivamente até saturar a questão. Para se pensar a visibilidade das festas na Igreja e na sociedade, entrevistou-se quatro membros do clero e três agentes públicos, dentre os representantes da prefeitura de Corumbá e do consulado boliviano.

Após, constatou-se que a festa promovida pela Associação da Brasbol seria a versão mais conhecida pelos corumbaenses e turistas, pois as danças ocupam praças e ruas da cidade, o que marca a identidade boliviana e vai se consolidando no patrimônio imaterial da cidade. A Associação da Brasbol se trata de uma feira livre então instalada em lugar centralizado de Corumbá. Criada pela Prefeitura em 1995, destinava-se ao comércio de produtos varejistas, confecções, calçados e armários em geral e artesanatos (SILVA, 2013, p. 44), mas acabou sendo interditada em meados de 2013.

Quanto ao simbolismo presente nas festas, são fortemente reveladores da nacionalidade boliviana as cores utilizadas, as músicas, a culinária, os ritos religiosos e a própria ornamentação da imagem da Virgem, a qual se distingue das imagens presentes nas devoções brasileiras.

Encontram-se elementos de interação com os brasileiros, mesmo entre os não descendentes de bolivianos, pois passaram a devotar a “santa boliviana”, seja por frequentarem as novenas, por se dedicarem ao comércio, por adquirirem as camisetas da festa ou por colaborarem com as despesas dos festejos (padrinhos da festa). Outrossim, alguns distanciamentos se constata, como o discreto prestígio das danças pelas ruas da cidade e alguns preconceitos com os comerciantes bolivianos, também devotos da santa – tensões de poder entre estabelecidos (brasileiros) e outsiders (bolivianos) (ELIAS, 2000).

Portanto, pode-se aferir que as festas de Urkupiña em Corumbá distinguem da matriz devocional, em Quillacollo. Passou a ser uma recriação da identidade boliviana, vez que acontecem em ambientes públicos e privados, com flexibilidade nas datas de celebração, variedade nos idiomas dos cultos e com o a presença de danças e outras representações simbólicas tipicamente bolivianas.

Quanto aos locais das festas, as funções religiosas ocorrem nas casas das famílias, em pontos comerciais, logradouros públicos e ambientes eclesiais. Pelo menos treze grupos e famílias organizam tais festejos. Eles conduzem, em procissão orante, suas imagens até alguma igreja ou a seus ambientes profissionais, sendo o trajeto marcado pelo soltar de rojões e orações dos devotos até o momento em que se entra, de fato, no ambiente eclesial/comercial disponível.

A presença dos padres e leigos scalabrinianos junto à Igreja Nossa Senhora de Fátima fomentou a devoção, uma vez que promovem, anualmente, uma celebração destinada aos devotos de Urkupiña e, mensalmente, outra dedicada a todos os migrantes (paraguaios, peruanos, bolivianos), os quais se responsabilizam pelos serviços litúrgicos, com cantos e leituras bíblicas no idioma espanhol.

As funções sociais se realizam em ambientes públicos. Ou seja, a festa em si mesma, com músicas, danças, comidas e bebidas se desenvolve em clubes alugados pelo pasante do ano ou em ruas interditadas para esse fim. Outra dimensão que ocorre no ambiente público seriam as danças, no caso de contratação de músicos e dançarinos (dançar para a Virgem). Através da pesquisa de campo, cons-

tatou-se que nos últimos anos apenas o grupo da extinta feira Brasbol tem promovido essas danças pelas ruas de Corumbá.

O primeiro espaço de manifestação devocional à Urkupiña ocorreu no presídio masculino de Corumbá, por volta do ano de 1986. Na ocasião, um interno teria prometido que se fosse posto em liberdade, organizaria com uma família de amigos bolivianos, residentes no Brasil, a festa para a Virgem. Alcançada a dádiva, ficou a obrigação de retribuir (MAUSS, 2013). Assim, a família promoveu a festa e continuou organizando procissões dançantes desde a região central de Corumbá até o presídio. Ainda hoje, junto ao presídio masculino de Corumbá, regime fechado, existe uma gruta/capela próxima à quadra de futebol, onde teria sido colocada uma imagem de Urkupiña.

Em relação às datas das festas, apesar da matriz devocional cochabambina e o próprio calendário da Igreja memorar Urkupiña entre os dias 14 e 16 de agosto, em Corumbá elas ocorrem ao longo de todo o mês de agosto e até em setembro. As famílias priorizam o dia 15 de agosto para a prática de algum ato devocional-religioso, tal como o encerramento da novena, do tríduo ou a celebração de missa em suas casas. Todavia, a preocupação maior está em definir apenas uma data para os grandes festejos sociais. Assim, existe flexibilidade para eleger qual dia será o melhor, analisando-se as conveniências de cada família quanto à recepção dos convidados e organização e compra dos aparatos necessários da festa.

Deste modo, como produto cultural específico, pode-se dizer que os festejos à Urkupiña em Corumbá se diferenciam da matriz devocional em relação à data, pois não ocorrem somente entre os dias 14 e 16 de agosto, mas ao longo de todo o mês ou até o ultrapassando. Já na Bolívia, as datas de 14 a 16 de agosto são nacionalmente reservadas para a celebração da Mamita, dificilmente existindo oscilação de datas.

Além das procissões dançantes de Urkupiña já terem percorrido, ao menos por algum tempo, em direção ao presídio de Corumbá, o grupo que promove a festa e utiliza os espaços públicos com maior visibilidade nos dias atuais são os feirantes-comerciantes da extinta Brasbol. Sobre a importância da Virgem Urkupiña na tradição boliviana e a festa na extinta feira Brasbol, confira-se Dias (2010, 51, grifo nosso):

A comemoração ao dia da Virgem de Urukupinã é uma das mais importantes tradições bolivianas no campo religioso, sendo realizada anualmente no mês de agosto, reunindo bolivianos residentes em Corumbá e em Puerto Quijarro. Geralmente a festa inicia-se com a celebração de uma missa em uma das igrejas locais e, posteriormente a imagem da santa é transportada em altar para a Feira BRASBOL, onde possui um **altar permanente**. [...].

Salienta-se que o “altar permanente” negritado acima abrigava as imagens de três padroeiras: a do Brasil (Aparecida), da Bolívia (Urkupiña) e do Paraguai (Caacupê). A divisão desse “espaço sagrado”, a gruta, revela significativa interação entre os povos descendentes desses países. Com o fechamento da feira, em 2013, os devotos recolheram as imagens, mas a gruta, anos depois, ainda permanecia intacta no imóvel. No ano de 2016, foi inaugurada uma praça com o nome de Urkupiña no mesmíssimo lugar em que ocorria a extinta Brasbol.

A feira já tinha sido palco de ações fiscalizatórias do estado, tanto nas vésperas do Natal de 2009, com a operação Brasbol, quanto no fechamento propriamente dito, ocorrido em março de 2013, e ain-

da com a operação “no caminho”, de julho de 2013. Apesar dessas ações abalarem economicamente os comerciantes, eles seguiram promovendo as festas à Virgem Urkupiña.

Assim, os feirantes, que são organizados por meio da Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos da Feira Internacional de Corumbá, CNPJ 00.859.949/0001-41, desde 28.09.1995, continuaram se inserindo no comércio de Corumbá, tendo alguns buscado a regularização e outros não. Esses expõem seus produtos à venda em meio às ruas da cidade ou nas feiras livres, que acontecem quase todos os dias da semana, cada dia em um bairro da cidade.

De fato, os conflitos em torno da existência da feira Brasbol e dos comerciantes bolivianos, ao menos em relação à dimensão tributária e concorrencial com o comércio formal de Corumbá, se arrastavam há razoável tempo, conforme o registro de Costa (2013, p. 468)<sup>6</sup>:

Em sua constituição original, por exemplo, a Feira Bras-Bol previa que apenas produtos artesanais poderiam ser comercializados, o que de fato constitui uma ínfima parte dos produtos da feira (que trabalha basicamente com produtos made in China, em sua maioria roupas). Este é um dos principais motivos de conflito em torno da existência da feira ao longo dos anos, sobretudo em sua concorrência com o comércio formal de Corumbá, já que a maior parte dos produtos ali comercializados não paga os impostos de importação. Neste sentido, tanto a feira quanto seus trabalhadores vêm negociando sua permanência e a legitimidade de suas atividades junto ao Estado (tanto no nível federal, a partir de interesses e prerrogativas da Receita Federal e da Polícia Federal, quanto no municipal, a partir de interesses concorrentes da Associação Comercial e Empresarial de Corumbá – ACIC –, fundada em 1910).

Portanto, há tempos, a presença de comerciantes bolivianos em Corumbá vinha gerando desgastes tanto com autoridades do Estado quanto com associações classistas, sendo o fechamento da Brasbol e a apreensão de mercadorias em outros estabelecimentos comerciais (pode-se dizer de bolivianos) um desfecho desse embate.

Correlacionado ao aspecto da flexibilidade das datas, as famílias e o grupo da extinta feira Brasbol exteriorizam seus cultos com certa independência da Igreja, mais se aproximando da ideia de devoção ou piedade popular.

De fato, muitos promotores da festa de Urkupiña não possuem íntima ligação com a Igreja, salvo nas proximidades das comemorações. Normalmente, não são engajados nas pastorais de serviço nem frequentam as atividades eclesiais semanais. Aproximam-se do conceito de “constelação devocional”, onde a relação construída entre os devotos e o sagrado ocorre sem a participação da igreja. Na perspectiva de debater algumas características do catolicismo tradicional do povo brasileiro e das novas formas de espiritualidade surgidas no âmbito católico, Higuier (1984, p. 27) desenvolve esse conceito de “constelação devocional”:

A constelação devocional se compõe da totalidade das práticas pelas quais o homem toma contato diretamente com um ser santo e pessoal [...]. As práticas que dão acesso a esta relação direta e pessoal podem ter caráter individual como oração, novenas, práticas de piedade diante de imagens de santos, ou coletivo (como festa, procissão) [...]. A constelação das proteções reúne as práticas pelas quais o homem entra em contato com os seus santos, para alcançar

---

<sup>6</sup> COSTA, Gustavo Vilella Lima da. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. *Contemporânea*. Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013, p. 467-489.

deles vantagens concretas, visíveis. Os santos se engajam a favor dos seus ‘devotos’ nas dificuldades deste mundo: doenças, problemas de família, assuntos de amor e desemprego. Nesse caso, a relação com o sagrado é, também, direta, sem a mediação da igreja.

Portanto, muitas práticas relacionadas à festa de Urkupiña se conformam a esse conceito de constelação devocional, em que a cosmologia de relacionamento se dá de forma mais direta entre o devoto e o santo (no caso, a santa). De certo modo, grande parte dos devotos sequer procuram a Igreja ou alguma figura eclesial, mas apenas “líderes comunitários”, leigos que sabem “tirar o terço” ou “rezar a novena”, para lhes ajudar na condução de algum ato religioso.

Em relação às danças e procissões executadas pelas ruas de Corumbá, elas permitem aos devotos operarem uma reapropriação de espaços significativos do novo contexto social, o que em circunstâncias normais lhe estaria vetada, mas que em determinados tempos a eles é concedida de maneira tácita ou institucionalizada.

Assim, “dançar para a Virgem”, ou “fazer a procissão”, além de ser um ato de fé, propicia orgulho entre as famílias devotas, por reatualizarem a identidade boliviana, e garantirem visibilidade muitas vezes negada em outros contextos, como na inserção no mercado de trabalho ou na prática comercial da cidade.

A par das danças, ocorrem nas ruas pequenas procissões entre as casas dos devotos e a igreja ou a comunidade mais próxima. Os participantes vão pelas ruas rezando, carregando a imagem da Virgem, ou até mais de uma, enquanto outros devotos se juntam, alguns já vestidos com camisetas e demais objetos de devoção com estampas e signos da Virgem.

Em Corumbá, não se constatou a formalidade da instituição do presterío, que consiste na escolha de um novo festeiro a cada ano para organizar os festejos. Apenas o grupo da Brasbol possui essa dinâmica. Os demais organizadores das festas são de caráter privado. Tratam-se de famílias que decidiram, por algum motivo, iniciar a devoção. Portanto, não se cumprem todos os ritos e costumes da matriz devocional. Mesmo assim, aqueles que organizam as festas são denominados pasantes, como se fossem pasar, conduzindo temporariamente a tradição da cultura nacional boliviana por meios das devoções a Urkupiña, de uma pessoa para outra.

A maioria das famílias que organizam os festejos (pasantes) conta com a ajuda de colaboradores, denominados padrinhos (ayni). Essa tradição, fundada na lógica da dádiva, implica na obrigação de restituir o dom ofertado quando o doador organizar algum tipo de festa (SILVA, 2005). A colaboração pode ser com a decoração da festa, colitas, que são miniaturas de objetos obsequiados aos participantes da festa, adereços da santa, patrocínio do som ou das bebidas e comidas da festa.

Os padrinhos não estão em todas as festas, mas, conforme entrevistas realizadas, estão presentes na maioria das famílias promotoras dos festejos. Existem famílias que preferem a ajuda dos próprios membros e se contentam em promover algo menos dispendioso, ao menos na dimensão material, de forma que a vivência da fé e da tradição predominem. Sobre a ausência do padrinho em suas festas, a Sra. Dalía B. Pinto declarou:

O pessoal dá cerveja, oferecem, né. Mas a minha, sei lá, no meu modo de ver, eu faço pela minha fé, pelas graças que eu tenho recebido. Eu faço entre família, o que der pra gente fazer. **Não é apadrinhada.** Geralmente eles têm padrinho, nomeiam padrinho. Mas eu não. **Eu não**

**tenho padrinhos.** Os padrinhos são nos aqui de família, é de devoção mesmo. A gente faz aquele pouquinho, mas em família. (grifo nosso).

Outrossim, o “padrinho” se compromete com a Santa por, no mínimo, três anos. Caso não honre a promessa, existe a representação de que a Virgem possa se zangar e trazer malefícios para a vida do infiel padrinho. Em entrevistas se ouviu: “essa Santa é boa, mas Ela é má também” (L. H.); “fulano não acreditou, por isso que a casa dele pegou fogo” (R. R. S.).

Quanto ao magistério católico, Ueda (2016, p. 1) destaca o papel de Maria enquanto mãe amorosa, bondosa e zelosa, incapaz de gerar medo, mas confiança sobre seus filhos:

Não precisamos ter medo, pois se uma boa mãe quer o bem ao seu filho, a Mãe de Deus quer para nós o Sumo Bem, que é Jesus Cristo, e fará todo o possível para nos conduzir a Ele. Além disso, como uma mãe amorosa, bondosa, zelosa, a Mãe da Igreja nos ajudará em nossa formação humana e espiritual.

Deste modo, a conotação para os devotos de que a Santa possa ser vingativa revela não apenas distanciamento do magistério católico, que a destaca como modelo de fé e de caridade, mas revela uma das peculiaridades dessa crença.

Pode-se dizer igualmente que as festas de Urkupiña apresentam certa construção de identidade devocional que difere do modo brasileiro de venerar seus santos, sendo, pois, algo específico, algo “boliviano”.

Há a singularidade do cargamento, ou seja, adornar um carro que vai à frente da procissão com aguayos, utilizando objetos de prata, alasitas, bonecas vestidas tipicamente e outros elementos que vão sendo incorporados a cada ano, representando dádivas alcançadas e outras por alcançar. Na ornamentação, capricham não só no carro, mas na casa e no estabelecimento comercial ou salão de festas onde ocorrem as homenagens sociais nota-se cores e bandeiras bolivianas em meio a símbolos brasileiros. Em relação à imagem da Virgem, comparativamente, não se vê nenhuma Nossa Senhora Aparecida (Padroeira do Brasil) com vestidos coloridos, sejam eles roxo, branco, rosa ou portando um cetro nas mãos e os dedos cheios de anéis, brincos nas orelhas, colar de ouro, coroa e cabelos compridos.

No entanto, com todos os adereços acima descritos é que se prepara a imagem da Virgem de Urkupiña. Os colares, brincos e anéis variam em número quanto à intenção ou quantidade de fiéis que o prometeram, sendo todos de ouro e colocados apenas no dia da festa. Demonstra-se tal personificação da imagem que, durante algumas entrevistas, houve relatos de que se passa também perfume na imagem, pois “ela gosta”. Os vários adereços entronizados nas imagens da Virgem de Urkupiña são adquiridos ou encomendados preferencialmente nas cidades de Puerto Quijarro ou em Santa Cruz de la Sierra, e, minimamente, em Corumbá.

Em relação ao costume de ch'allar ao redor da imagem da Virgem, a maioria pratica esse rito. Uma das entrevistadas respondeu ch'allar mesmo sem saber o que significa. Outra entrevistada disse que se trata de algo prescindível, “depende de cada um”<sup>7</sup>.

Outro elemento presente nas festas de Urkupiña em Corumbá que atesta a recriação da identidade são os “pratos típicos” servidos nos encerramentos das celebrações. Existem pratos bolivianos, como

---

7 Sra. Fatima Hurtado, entrevista de 17.08.2015.

o “picante” (frango com pimenta), a “chicha” (a base de milho ou amendoim, pode conter álcool ou ser consumido sob a forma de suco), o mocochoinche (suco de pêsego desidratado e cozido), mas em certas famílias existem pratos não tão “bolivianos”, como churrasco ou bobó de frango (prato muito comum entre os corumbaenses).

### 3 A FRONTEIRA E OS PROCESSOS DE INTERAÇÃO E DISTANCIAMENTO

Sob a perspectiva de processos de interação na fronteira, destaca-se a peculiaridade de cada fronteira, conforme pondera Tito C. M. Oliveira:

[...] as fronteiras estão muito distantes de possuírem o mesmo formato, as mesmas razões, os mesmos sentidos, as mesmas intensidades e o mesmo caráter. Cada fronteira é uma fronteira, pesa sobre este espaço toda uma composição étnica nada uniforme e um tipo de colonização raramente isócrona. E, sobretudo, sobrepõem preconceitos, ambiguidades, rivalidades, ilicitudes, concorrências desleais; ao mesmo tempo em que deflagram feitiços agradáveis de convivência e harmonia entre culturas diferentes. (SEBRAE, 2010, 242).

É certo que as pessoas se relacionam diuturnamente no contexto fronteiriço, chegando a ignorar as normas estatais, mas sempre formando uma rede de relações sociais complexas entre si e entre grupos e instituições, assegurando peculiaridades em cada fronteira. Seus indivíduos vivem deslocamentos, promovem trocas, fluxos culturais, tensões e relações de poder. Assim, não se vislumbra a *fronteira* como limite territorial e divisório entre dois ou mais países ou apenas como uma zona marginal, local inóspito onde ocorrem o contrabando, o descaminho, o tráfico de drogas, a passagem e fuga de criminosos e objetos de crime. Nessa perspectiva, as festas de Urkupiña confirmam a fronteira vivida, em que o dia a dia de seus indivíduos está repleto de significados que ultrapassam os sistemas políticos, econômicos e culturais de brasileiros e bolivianos.

Por outro lado, essa fronteira é palco de preconceitos em relação aos bolivianos, tratados às vezes como invisíveis. Existe o preconceito linguístico nas escolas de Corumbá, quando crianças, brasileiras ou bolivianas, são ridicularizadas pelos colegas ao utilizarem o idioma espanhol (COSTA, 2013, p. 150)<sup>8</sup>. Já nos restaurantes e lanchonetes, apesar da significativa frequência de bolivianos, não se encontram cardápios traduzidos (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 7). Nos demais ambientes, demonstra-se pouco ou nenhum interesse dos brasileiros pelo espanhol:

[...] o brasileiro parece não ter interesse em conhecer o contexto boliviano, além do circuito de compras. Isto se expressa em atitudes como a indiferença em aprender o espanhol, por exemplo, sendo que no lado boliviano encontramos muitos jovens bolivianos que se tornaram falantes bilíngues (português-espanhol). (BARREDA *et al*, 2014, p. 120).

No comércio de Corumbá dificilmente se aceita a moeda boliviana (Bs – boliviano), enquanto em Arroyo Concepción, Puerto Quijarro e Puerto Suarez os brasileiros nem hesitam em questionar se aceitam a moeda brasileira (R\$ - real) (MEDEIROS, 2016), antes de efetuarem alguma compra, vez que gentilmente acolhida.

---

8 COSTA, Gustavo Villela Lima da. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil – Bolívia em Corumbá – MS. In: Tempo Social – Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 25, n. 2, nov. 2013, p. 141-156.

Costa (2013, op. cit., 144) afirma que os bolivianos experimentam exclusão e estigmas, ligados ao atraso, pobreza e falta de civilidade, sendo chamados pejorativamente como “chocos”, “collas” ou mesmo “índios”:

A presença dos bolivianos em Corumbá é vista como um “problema social”, sobretudo por parte da elite local, mas com um preconceito difuso por outros setores da sociedade, e existe, no discurso e na prática, a reprodução de preconceitos e de uma estigmatização em relação aos bolivianos e seus descendentes.

Deste modo, percebe-se que existem dificuldades de inserção ou interação dos bolivianos em Corumbá por meio do idioma, da moeda e das tratativas sociais. Em relação aos festejos de Urkupiña, pode-se dizer que houve certo impedimento de sua celebração nos espaços públicos da cidade, pois R. C. P. – pasante de um dos grupo – relatou que após o fechamento da Brasbol, a prefeitura não permitiu que os devotos adentrassem aquele espaço para celebrarem a missa, tal como ocorria ao longo dos últimos dez anos.

Ainda assim, as festas de Urkupiña em Corumbá promovem diálogos entre culturas diferentes (brasileiros, bolivianos e suas distintas etnias), estreitam vínculos (comunhão de fé, compadrios, comerciantes), apesar de algumas dificuldades de inserção em certas realidades sociais e institucionais.

De todo modo, parecem acertadas as seguintes constatações de Oliveira (2009, p. 41, grifo nosso):

[...] temos constatado que a ampliação da condição fronteira, na junção semi-conurbada, vem estabelecendo vetores para consolidação de uma nova consciência mais integracionista (em ambos os lados); tem mexido com as tessituras e as redes territoriais e, como efeito, em embaralhado as definições e ambiguidades das cidades brasileiras e bolivianas. E, mesmo com todo o preconceito existente, observa-se: a ampliação do convívio social, **as participações institucionais de autoridades em festejos comemorativos, a presença dos dois povos em festas culturais**, as constantes facilitações na circulação e comunicação entre as cidades etc.

Ao se pensar os pontos de interação entre brasileiros e bolivianos como fator de aproximação das pessoas, há o ingrediente da fé. Durante os ritos oracionais e festejos, muitos *pasantes* bolivianos convidam brasileiros e *pasantes* brasileiros convidam bolivianos, os quais comparecem, independentemente da nacionalidade, nas celebrações.

De outra forma, vários devotos de Urkupiña se integram em festejos de raiz corumbaense, como o Banho de São João, e organizam novenas e festas a santos de grande representação brasileira como, por exemplo, as devoções à Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil). No particular da devoção mariana, participantes justificam a proximidade Brasil-Bolívia em torno de Nossa Senhora Aparecida por entenderem homenagear uma pessoa só, Maria, a mãe de Jesus.

Ademais, os descendentes de bolivianos trouxeram sua “bagagem cultural”, suas memórias, e, no celebrar das datas festivas e de significado religioso, adotam símbolos da cultura do país receptor, gerando uma *recriação da identidade*, contendo *diferenças* e *igualdades*.

Outro exemplo vem a ser o da família de Fátima Hurtado, organizadora das festas há mais de dez anos. Organiza-se tríduo a Santo Antônio e uma grande festa a Nossa Senhora Aparecida. Entre os convidados, estão vizinhos e amigos, meio a meio distribuídos entre brasileiros e bolivianos.

Referidos exemplos estreitam vínculos e a solidariedade entre moradores, familiares, compadres

e migrantes. Durante os momentos de oração e partilha dos alimentos, propicia-se o reencontro entre pessoas que migraram ou até o encontro entre pessoas estranhas no âmbito de vizinhança, mas que aproveitam a oportunidade para reafirmar os elementos de pertencimento e identidade.

Ademais, a figura dos padrinhos vem a ser outro ponto de interação entre distintas nacionalidades, pois se encontrou brasileiros sem qualquer ascendência boliviana exercendo esse *munus* nas festas de Urkupiña.

Cabe ainda comentar o partilhar de comidas e bebidas. Com muita fartura distribui-se gratuitamente aos que se acharem presentes, tanto comidas típicas bolivianas quanto pratos da culinária brasileira. Nessa ocasião percebe-se o sentido de comunhão entre os nacionais e não nacionais, onde “todo mundo come a mesma comida”.

Assim, pode-se dizer que se forma um vínculo moral, uma vez que a oferta traz a recompensa nesta vida e na outra:

O alimento dado é alimento que voltará neste mundo ao doador; é o mesmo alimento, para ele, no outro mundo [...] É da natureza do alimento ser partilhado; não dividi-lo com outrem [...] é destruí-lo para si e para os outros. (MAUSS, 2003, p. 281-282).

Portanto, estabelecem-se significativas relações de cumplicidade e convivência entre portadores de culturas diferentes por meio da fé/religiosidade que expressam.

Por fim, a mera realização das festividades de origem boliviana no Brasil, sua tolerância e a participação dos nacionais, seriam um demonstrativo de exercício dos direitos de liberdade de consciência e de religião, contemplado no Artigo 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos.

Além disso, o Brasil, por meio da Lei 11.635, de 27 de dezembro de 2007, instituiu o dia 21 de janeiro como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Sabe-se que em 2014, o Disque 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Em 2015, a média foi de uma denúncia a cada três dias reportadas ao órgão. Em 2016, 759 registros. Em âmbito internacional, é público e notório as ocorrências envolvendo conflitos e extremismos religiosos, com consequências desastrosas para toda a sociedade.

Deste modo, as celebrações das festividades de Urkupiña no Brasil, tal como vêm ocorrendo, denotam, pelo menos, importante exemplo de tolerância religiosa.

#### 4 CONCLUSÃO

Num percurso histórico, viu-se que Corumbá registra a presença de negros, mestiços, indígenas e brancos, incluindo imigrantes europeus, do Oriente e da América Latina, pelo menos desde o século XIX, sendo suas distrações e festas dotadas de peculiaridades ainda nos dias atuais.

Pensar a “fronteira” enquanto fronteira vivida e dinâmica, em que o dia a dia de seus indivíduos está repleto de significados que ultrapassam os sistemas políticos, econômicos e culturais, sejam de brasileiros ou de bolivianos, confirma-se através do contexto em que se desenvolvem as homenagens à “santa boliviana”.

De um lado, a fronteira ainda se torna palco de preconceitos em relação aos bolivianos, tratados às vezes como invisíveis (não se valoriza o idioma espanhol nas escolas, não se aceita a moeda boliviana no comércio e não se insere algumas manifestações sociais nos calendários culturais oficiais). Não obstante essa invisibilidade, as festas de Urkupiña estão inseridas na realidade brasileira-corumbaense, de forma pública, há mais de trinta anos.

O início das festas foi influenciado predominantemente pelos migrantes bolivianos oriundos das *terras altas* – altiplano ou ocidente boliviano, que migraram para a região, trazendo mais que um “regionalismo”, o aspecto dadivoso de uma devoção que tornaria prósperos os negócios que empreendiam, especialmente o comércio.

No lado brasileiro, as festas adquirem novos significados e se desdobram com distinções da matriz devocional cochabambina. Diferenças quanto às datas dos festejos, à forma de ornamentar a Virgem (troca de vestido, distintas e flexíveis cores, colocação de joias, perfumes) e aos modos de praticarem as oferendas e homenagens (*ch'allas*, *préstimos* e danças).

No tocante aos ambientes de realização, predominam os ambientes privados, nas casas das famílias devotas, em vários bairros da cidade, especialmente nos periféricos. Os festejos da extinta feira Brasbol seriam a versão mais conhecida pelos corumbaenses e turistas, a que mais expande a “identidade boliviana”. Tanto as danças quanto as procissões orantes, além de serem um ato de fé, propiciam orgulho entre as famílias devotas e garantem visibilidade muitas vezes negada em outros contextos, como na inserção no mercado de trabalho, na prática comercial da cidade e até no discreto prestígio das próprias danças.

Além dos promotores das festas, existe a figura dos padrinhos, que colaboram materialmente com a festa, devendo fazê-lo, no mínimo, por três anos, sob pena de sofrerem alguma “vingança” da santa – representação não encontrada no magistério da Igreja. Aí se estabelece outra interação entre bolivianos e brasileiros, por meio de Urkupiña, quando passam a devotar a “santa boliviana”, a frequentar as novenas, a colaborar com a festa (*compadrios*).

Na dimensão da fé, o culto a Urkupiña encontra seu facilitador de interação entre pessoas de diversas nacionalidades pois se dirige a uma figura universal: Maria – mãe de Jesus, conhecida por *mil nomes*: Nossa Senhora Aparecida/Brasil; Nossa Senhora de Fátima/Portugal; Nossa Senhora de Caacupé/Paraguai; Nossa Senhora de Lourdes/França. Portanto, dialoga-se com outras nacionalidades pelo vínculo espiritual.

Por fim, em tempos de fortes discussões sobre as migrações internacionais e sobre os atos extremistas de alguns grupos que se dizem religiosos, as festas de Urkupiña, além de estarem agregando significativa parcela da população corumbaense em suas comemorações, mesmo que existam algumas resistências, concretizam, no mínimo, o respeito aos direitos de liberdade de consciência e de religião.

---

**Interactions and distances in the frontier - Qualitative analysis of the religious festivals in honor of the Patroness of Bolivia in Corumbá - Brazil, and her identity affirmations**

**ABSTRACT**

The present work proposes to study the feasts to the Virgen Urkupiña, patroness of Bolivia, in the city of Corumbá, Mato Grosso do Sul. Its characteristics and the level of interaction and distancing between nationals and Bolivians are pointed out. As a method, it was resorted to the bibliographic research on frontier and identity and to a qualitative description of the parties, after interviews and observation of socio-religious events until saturation of the question was reached. As results, it was noticed that the frontier lived exceeds political and economic limits, that the celebrations are distinguished from those realized in the devotional matrix (Quillacollo - Cochabamba) and that some prejudice with the Bolivians persist, either by the disinterest of the language, the currency or invisibility of the parties in the cultural calendar of the locality. On the other hand, its realization and the participation, even modest of Brazilians, embodies at least respect for the rights of freedom of conscience and religion.

**Keywords:** Bolivian parties. Identity. Border. Interaction. Religiosity.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 3. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BARELLI, Ana Inês. Religiosidad Popular: El caso de la Virgen de Urkupiña en San Carlos de Bariloche. **Revista Cultura y Religión**, Iquique-Chile, v. 5, n. 1, jun. 2011, p. 64-79. Disponível em: <<http://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/culturayreligion/article/view/101/102>>. Acesso em 29 de ago. de 2014.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil – Bolívia em Corumbá – MS. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 25, n. 2, nov. 2013, p. 141-156.

\_\_\_\_\_. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013, p. 467-489.

\_\_\_\_\_. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. **Mana: Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2015, p. 35-63.

DIAS, Ramona Trindade Ramos. **A moradia dos bolivianos em Corumbá-MS: Singularidades do espaço fronteiriço**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Fundação Universidade de Mato Grosso do Sul. Corumbá, 2010.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (13-31 de maio de 2007). 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESSELIN, Paulo Marco; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Fronteiras Esquecidas: a construção de hegemonias nas fronteiras entre os rios Paraguai e Paraná**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

ESTADO PLURINACIONAL DE BOLÍVIA. **Nueva Constitución Política del Estado**. La Paz: UPS, 2013.

FERREIRA, Stael Moura da Paixão; SILVA, Rosangela Villa da. Contato linguístico na fronteira Brasil-Bolívia: hibridações étnicas, culturais e sociais. **Estudios Históricos. CDHRPyB**. Uruguai, ano 4, n. 9, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/edicion9/eh0905.pdf>>. Acesso em: 11 fev 2015.

GARTNER, Livia. **Bolívia: Virgem de Urkupiña reúne devotos bolivianos e brasileiros**. Disponível em: <[www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=34239](http://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=34239)>. 22.08.2011. Acesso em: 05 fev. 2016.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 21-62 (Coleção ciência da religião; 2).

KRIEGER, Murilo. **Maria na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2005.

MANETTA, Alex; CARMO, Roberto L. Integração sócio-econômica e mobilidade espacial da população na região fronteira de Corumbá a partir da década de 1990. XIV In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://unuhostagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3802>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MEDEIROS, Gesiane. Comércio de Corumbá começa a aceitar dinheiro boliviano. **Capital do Pantanal**, Corumbá, MS, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.capitaldopantanal.com.br/capal/comercio-de-corumba-comeca-a-aceitar-dinheiro-boliviano/>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. Os elos da integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia. In: COSTA, Edgar A.; OLIVEIRA, Marco Aurélio M. (Org.). **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: UFMS, 2009.

SEBRAE-MS. **Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais: Brasil, Bolívia, Paraguai**. A lógica espacial do território fronteiriço – os casos das aglomerações de Ponta-Porã-Pedro Juan Caballero e Ladário-Corumbá-Puerto Quijarro-Puerto Suarez. Campo Grande: Visão, 2010.

SEBRAE-MS. **Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais: Brasil, Bolívia, Paraguai** (org. SEBRAE-MS). Campo Grande: Visão, 2010.

SENA, Divino Marcos de. **O cotidiano de estrangeiros num lugar cosmopolita: Corumbá, 1870-1888**. SÆculum - Revista de História. 27. João Pessoa, jul./dez. 2012, 77-93.

SILVA, Giovani José da. **A presença camba-chiquitano na fronteira Brasil – Bolívia (1938-1987) identidades, migrações e práticas culturais**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, UFG, Goiânia, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1235/1/TESE%20GIOVANI%20J%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SILVA, Sidney Antonio da. A migração dos símbolos diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**. v. 19, n. 3, São Paulo, Julho/Setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300007&script=sciarttext>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. **Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul**. R. Bras. Est. Pop., São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008.

SOUZA, João Carlos de. **Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)**. São Paulo: Alameda, 2008.

SOUZA, Lécio Gomes de. **História de Corumbá**. [sem indicação de editora e localidade – acervo pessoal], 1979.

UEDA, Natalino. **A maternidade de Nossa Senhora em nossa vida**. Disponível em <<http://blog.cancaonova.com/tododemaria/a-maternidade-de-nossa-senhora-em-nossa-vida/>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

## **BIOGRAFIA**

### **Rodrigo Regert**

Licenciado em Filosofia, História e Pedagogia. Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Mestre em Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC). Docente da UNIARP. E-mail: regert.rodrigo@gmail.com

### **Joel Haroldo Baade**

Teólogo. Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade e do Programa Profissional em Educação da UNIARP. E-mail: baadejoel@gmail.com

### **Ludimar Pegoraro**

Licenciado em Filosofia. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFRS), professor e coordenador do Programa de Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Sociedade e docente do Mestrado Profissional em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador/SC. E-mail: pegoraro1963@hotmail.com